



## **Quixotismo e saudosismo na era dos modernismos: um epistolário *sombroso por terras de Portugal e de Espanha***

### ***Quixotism and saudosismo in the Era of Modernisms: A Shadowy Epistolary across the Lands of Portugal and Spain***

Ana Clara Magalhães de Medeiros

Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal/Brasil

a.claramagalhaes@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7218-2187>

**Resumo:** O presente artigo analisa a correspondência trocada entre Teixeira de Pascoaes e Miguel de Unamuno, no período de 1905 a 1934, publicada em 1957, posteriormente ao falecimento de ambos. O objetivo central do estudo é evidenciar como as ideias e as práticas artísticas de escritores situados na penumbra dos modernismos de seus países (respectivamente Portugal e Espanha) podem oferecer contributo dialógico à discussão sobre os *modernismos* do século XX, com ênfase para a experiência portuguesa. As noções de dialogismo, polifonia e grande tempo, de Mikhail Bakhtin (2006), constituem o sustentáculo teórico desta proposição, que recorre a textos críticos e literários dos próprios Pascoaes e Unamuno para identificar semelhanças ético-estéticas entre o “saudosismo” e o “quixotismo”. Os dois conceitos destacados são retomados, a partir do método crítico polifônico (de orientação bakhtiniana), para explicitar relações estruturantes entre o final dos anos 1800 (a partir da década de 1870) e os primeiros decênios do século XX, na Península Ibérica, que impactaram a fisionomia artística de autores em atividade no interlúdio que vai de 1905 aos anos 1930. Em conclusão, o epistolário de Unamuno e Pascoaes, registrando uma interlocução ativa no campo da recepção e crítica de obras e programas

artísticos/filosóficos frequentemente apartados dos estudos sobre os movimentos modernistas, permite uma atualização necessária, neste terceiro milênio, da multifacetada cena intelectual que abriu e marcou o breve, mas insepulto, século XX.

**Palavras-chave:** epistolário ibérico; Unamuno; Pascoaes; modernismos; dialogismo.

**Abstract:** The following article analyses the exchanged mailing between Teixeira de Pascoaes and Miguel de Unamuno, in the period from 1905 to 1934, published in 1957, after the death of both. The main goal of the study is to evidence how the ideas and artistic practices of writers located in the half-light of the modernisms and their countries (Portugal and Spain, respectively) can offer a dialogic contribution to the discussion on the *modernisms* from the 20th century, with emphasis on the Portuguese experience. The notions of dialogism, polyphony and great time, by Mikhail Bakhtin (2006), make the theoretical support of this proposition, which resorts to critical and literary texts by Pascoaes and Unamuno themselves to identify ethical-aesthetic similarities between “saudosismo” and the “quixotism”. The two highlighted concepts are retaken from the critical polyphonic method (of Bakhtinian orientation), to make explicit structuring relationships between the end of the years 1800 (from the decade of 1870) and the first decades of the 20th century, in the Iberian Peninsula, which impacted the artistic physiognomy from authors in activity in the years 1910 to 1930. In conclusion, the epistolary of Unamuno and Pascoaes, registering an active dialogue in the field of critical reception of works and artistic/philosophic programs often separated from the studies about Iberian modernist movements, makes possible a necessary update, in this third millennium, from the multifaceted intellectual scene that opened and marked the brief, yet unburied, 20th century.

**Keywords:** Iberian epistolary; Unamuno; Pascoaes; modernisms; dialogism.

Há um *Epistolário ibérico* que concomitantemente aproxima-se e afasta-se da noção de “correspondência modernista”, expressão tomada aqui no sentido de epistolografia produzida por autores situados no seio dos modernismos artísticos da primeira metade do século XX. Trata-se

do conjunto de cartas trocadas, nos primeiros decênios dos anos 1900, por duas figuras quixotescas da literatura ibérica: Teixeira de Pascoaes e Miguel de Unamuno. Buscaremos evidenciar como a leitura de sua troca epistolar, situada n'*as sombras* dos modernismos lusitano e espanhol, pode ser oportuna a uma compreensão mais dialógica da ideia de modernismo ou da ideia que dele fizeram seus contemporâneos ou ainda que nós dele fazemos até o presente.

As missivas que marcam tal interlocução situam-se, cronologicamente, entre 1905 (data em que se conheceram pessoalmente) e 1934, havendo, nesse interstício, um hiato de silêncio que vai de 1921 a 1933 (de 1924 a 1930, Unamuno viveu o exílio no arquipélago das Canárias e depois em Paris por contestação à ditadura de Primo de Rivera). O período histórico que abarca tais cartas coincide com uma, por assim dizer, conjuntura modernista. Entretanto, os seus autores (um que por vezes é chamado de “pré-modernista”, outro frequentemente tomado por “antimodernista”) são raramente associados aos movimentos modernistas de seus países. Assumindo esse problema teórico-crítico como aspecto motivador de reflexão sobre os alcances e os limites dos *modernismos* no contexto ibérico, especialmente lusitano, propomos estudo da correspondência publicada de Unamuno e Pascoaes a fim de lançar luz sobre homens e ideias que imprimiram rasgos nos modos e moldes poéticos e filosóficos praticados até o século XIX, sendo capazes, ainda, de visionar futuros outros para as *terras de Portugal e de Espanha* (Unamuno, 1911). Cumpre indicar que nosso esforço analítico prioriza a experiência portuguesa dos modernismos por dois motivos: pelo fascínio que tal país exercia sobre Unamuno – são palavras do mesmo em carta de 1909: “las cosas de Portugal son de las que más me interesan” (Unamuno, 1957, p. 39) – e por serem “as coisas de Portugal” dos anos 1905 a 1934 já suficientemente extensas para a discussão em um artigo como este, de curto fôlego.

O *Epistolário ibérico – cartas de Pascoaes e Unamuno*, reunido e publicado desde 1957, após o falecimento dos dois autores, permite deslindar uma fisionomia intelectual (e seguramente também afetiva) de Unamuno e Pascoaes, sobretudo no tocante ao tema “Portugal”. Ainda, possibilita observar a vivacidade de um vínculo dialógico que se tecia, sobretudo, pela recepção que um fazia da obra artística ou crítica do outro. O intuito maior desta nossa proposta, então, é evidenciar as leituras literárias comentadas e trocadas, assim como as reações leituras/críticas de

ambos os pensadores, no período em que se corresponderam (1905-1920; 1934), com vistas a registrar certo veio intelectual – menos empolgado com as tendências de vanguarda que culminariam nas expressões modernistas portuguesas dos anos 1910 – que, mesmo assim, oferece importantes elementos para se discutir a atmosfera modernista e o ímpeto modernizante, nas artes e na filosofia, que marca os primeiros começos do século XX na Península Ibérica.

Na abertura desta discussão, qualificamos *Don Miguel* e o poeta de Amarante como “figuras quixotescas”. Cumpre explicitar que o uso do termo “quixotesco” não representa uma desavisada força de expressão. Em vez disso, denota uma posição crítica particular, a de indicar que Unamuno – autor de *Vida de Don Quixote e Sancho* (1905) e, mais além, do quixotismo entendido como proposta filosófica e poética – e Pascoaes – aproximado ao quixotismo pelo que esse tem de *éthos* saudosista – compactuam do ideal de ver, no mundo moderno, “D. Quichote resuscitado”<sup>1</sup> (Pascoaes, 1957, p.1), conforme expressão do português na primeira missiva enviada ao de Salamanca. Tomamos, à maneira unamuniana, o quixotismo como “idealismo ético”, para usar expressão de Pedro Cerezo Galán (1996). Assim define Unamuno o “quijotismo” nas páginas derradeiras de seu *Do sentimento trágico da vida* (1912):

¿Qué ha dejado a la Kultura don Quijote?. Y diré: ¡El qui jotismo y no es poco!. Todo un método, toda una epistemología, toda una estética, toda una lógica, toda una ética, toda una religión sobre todo, es decir toda una economía a lo eterno y a lo divino, toda una esperanza en lo absurdo racional (Unamuno, 1913, p. 316).

Considerando-se o “cambiante sentido del qui jotismo unamuniano” (Entralgo, 1996, p. 13), compete advertir que a adoção, por nós, do termo “quixotesco” filia-se à perspectiva implementada pelo autor basco sobretudo a partir do terceiro centenário de publicação do primeiro volume de *Don Quixote de la Mancha*, data que coincide com o primeiro

---

<sup>1</sup> Mantivemos a grafia e a língua utilizada por Pascoaes e Unamuno na correspondência trocada, conforme registro no *Epistolário Ibérico* publicado em Nova Lisboa (atual Huambo) em Angola no ano de 1957, a partir da iniciativa de Joaquim de Carvalho (amigo de Unamuno e Pascoaes) e de seu filho, Joaquim de Montezuma de Carvalho. Em outras obras citadas dos dois poetas, também preferimos, sempre que possível, a grafia da época de sua redação. Tal opção visa contribuir para uma percepção mais acurada, em conteúdo e forma, do período histórico e literário que discutimos neste artigo.

encontro entre o filósofo e Teixeira de Pascoaes – 1905. De tal maneira, tomamos o quixotismo como “um método”, “toda uma estética”, “toda uma lógica”, “toda uma esperança no absurdo racional” que convoca o mito (frequentemente trágico) ao campo do exercício racional filosófico. Estamos dialogando com Pedro Galán: “el pensamiento de Miguel de Unamuno se inscribe en este giro histórico de la filosofía a la tragedia” (Galán, 1996, p. 20), que completa: “[Unamuno] llegó al reconocimiento del espíritu trágico a partir de la crisis histórica de la razón” (1996, p. 21). Tal crise histórica da razão representou o mal-estar finissecular do XIX sensivelmente experimentada pela *generación de 98* em Espanha e pela “geração de 70” em Portugal. Também nos interessa desvelar como Unamuno e Pascoaes cumprem, nos sistemas filosóficos e literários em que estão inseridos, um importante papel na passagem da desesperança (tantas vezes suicida) do crepúsculo dos anos 1800 ao ímpeto criador modernista dos anos 1910-1930. O mito emerge como a substância primordial da esperança unamuniana e pascoaliana, aquilo que lhes permitiu propor formas intelectuais e artísticas radicadas no ideal utópico, por mais que lhes pesasse o *sentimento trágico da vida* tipicamente finissecular. Mais um comentário filosófico e teremos repertório suficiente para avançar em nossa leitura “quixotesca” do *Epistolário ibérico*:

El mito [...] es el poder salvador de la ilusión, que permite a la vida soportar el secreto de la sabiduría trágica. No podía ser Unamuno un pensador trágico sin ser poeta. Poética fue su fe en el todepoderío de la palabra (Galán, 1996, p. 22).

Nas conferências sobre *os poetas lusíadas* realizadas por Pascoaes na Catalunha em 1918, observaremos como o integrante da Renascença Portuguesa pode ser o contraponto exato da definição de Pedro Cerezo para Miguel de Unamuno: do pensador trágico e poeta espanhol passamos ao poeta e pensador trágico português. Une-os a referida fé no “todopoder” da palavra – matéria enformadora dos mitos. Apresentando uma visão radicalmente trágica da história nacional, resta, na perspectiva pascoaliana, uma função redentora aos poetas lusíadas:

A Historia de Portugal é uma tragedia infundavel, escrita pela Loucura e pelo Fado [...]. A Historia de Portugal é uma tragedia infundavel, no mais belo scenario que Deus fez. Mas d’ahi a sua grandeza e o sonho de redempção [...]. Por isso, a Dôr, síntese do Amôr e da Morte, é a propria essencia da Poesia lusitana. As

lagrima d'uma Patria cáem sempre no coração dos seus poetas,  
para que eles as redimam nos seus cantos (Pascoaes, 1919, p. 4-5).

Essa compreensão do poeta como um repositório restaurador das dores de um povo, interpretação excessivamente *lusiada* (no sentido camoniano do termo) e pateticamente trágica, se denuncia uma personalidade crítica e poética de Pascoaes pouco afeita ao cosmopolitismo em arte que marcaria as vanguardas europeias e as primeiras expressões modernistas em Portugal, também aponta para um modo ficcional e inventivo de compreender o curso da história e o sentido axiológico de seus atores (a exemplo dos poetas).

Precisamos indicar que tanto a acepção de “modernismo” como seus marcos temporais são bastante diversos cruzando-se as fronteiras nacionais da Ibéria. Isto é: para Espanha, o marco modernista radica na última década do século XIX e tem como principal expoente um poeta nicaraguense, Rubén Darío (cf. Poza, 2103). Para Portugal, 1915 é comumente aceite como o ano “inaugural” no modernismo, graças à publicação da Revista “Orpheu”, “por sinal com uma capa mais simbolista do que modernista” (Quadros, 1989, p. 123). No tocante à realidade portuguesa, o mesmo António Quadros adverte que

Falta-nos uma reflexão filosófica sobre o *modernismo*. A partir desta lacuna, o termo tem sido quase sempre utilizado entre nós na sua exclusiva dimensão histórico-cronológica, manifestamente insuficiente. [...]. De certo modo, logo no que depois veio a ser classificado como o nosso primeiro modernismo, o seu protagonista de génio que foi Fernando Pessoa satirizou o processo ao lançar, num período curtíssimo, sucessivas correntes estéticas: o paulismo, o sensacionismo, o interseccionismo, o futurismo e o neopaganismo (Quadros, 1989, p. 17-19).

Nesse influxo, também nós propomos “satirizar o processo” de definição modernista (gesto, aliás, bastante quixotesco) incluindo na discussão sobre tal movimento (melhor dito: *movimentos*) um conjunto de posturas ético-estéticas gestadas desde as décadas derradeiras do século XIX, passando-se pelo encontro de Pascoaes e Unamuno em 1905, pela publicação de “Orpheu” em 1915, até a morte de Unamuno (e de Pessoa) na década de 1930. Esse interlúdio (aproximadamente 1870-1936) revela-se definitivo para o estabelecimento do que se entende por literatura e intelectualidade de Portugal e Espanha até os nossos dias.

Como optamos por percorrer tal período na companhia da dupla Pascoaes-Unamuno, voltemos a 1905. A 10 de outubro desse ano, tem início a sequência de cartas enviadas por Unamuno a Pascoaes. Na primeira missiva do *Epistolário ibérico*, o autor basco acusa recebimento de livros do amigo português e afirma que lhe envia seu *Vida de Don Quijote y Sancho* – “que es mi obra cardinal” (Unamuno, 1957, p. 31). No mesmo ano, Pascoaes responde ao outro com comentário que merece nossa análise mais minuciosa:

Meu querido mestre.

Quem escreveu *Vida de D. Quichote* é um verdadeiro mestre, entre os escriptores da Europa. Já li o grande livro de V. duas vezes; e o assombro que elle me causou jamais desaparecerá do meu espirito e do meu coração.

D. Miguel de Unamuno é o Cervantes moderno!

D. Quichote, atravez as paginas imortaes do livro de V., transfigura-se em divindade, é o verdadeiro Deus moderno, a mais bella aspiração de nossas almas! V. tenta resuscitar D. Quichote no Occidente, como Tolstoi, no Oriente, quer resuscitar Jesus. Que D. Quichote e Jesus resuscitem! Que o Reino de Deus baixe, de novo á terra.

Jesus e D. Quichote são, realmente, duas almas que se fundem, que, no interior do nosso coração, se esbatem na mesma claridade imortal. Barcelona, é, na verdade, a Jerusalém do Occidente. D. Quichote reinará no Occidente, Jesus, no Oriente.

D. Quichote é o nosso Deus e D. Miguel de Unamuno o seu Propheta.

Estou ansioso por tornar a vêr V. cia., quero vê-lo, agora, com estes olhos que já viram D. Quichote resuscitado.

[...]

(Pascoaes, 1957, p. 1).

Transcrevemos quase que integralmente a carta pascoaliana (à exceção do parágrafo final e da despedida), pois o texto permite descortinar vários aspectos concernentes tanto à troca afetiva e intelectual entre os dois correspondentes, quanto à atualização crítica sobre uma obra (*Vida de Dom Quixote e Sancho*) e um conceito (o quixotismo) seminais para o pensamento unamuniano e para as premissas da Renascença Portuguesa (grupo que tem em Pascoaes seu protagonista).

A (pouca) crítica que se ateve à interlocução entre os dois escritores usualmente destaca o tom de “discípulo” – muito devotado ao mestre – assumido pelo português em relação ao espanhol. Efetivamente, sete dentre as trinta e uma cartas enviadas (e levadas à posterior publicação) por Pascoaes a Unamuno iniciam-se por uma saudação em que o primeiro qualifica o outro como “Mestre”. “Querido Mestre”, no caso do documento agora analisado; “Querido e venerado Mestre” ou “Meu querido e inolvidável Mestre” e ainda “Queridíssimo Mestre” nas missivas enviadas a partir dos anos 1920. Em tese defendida na Universidade de Évora sobre os dois escritores, José Manuel de Barros Dias acrescenta:

A relação entre Unamuno e Pascoaes é peculiar, à semelhança da personalidade de ambos. Pascoaes nunca deixará de reconhecer Unamuno como mestre que marcou a sua formação e como um dos pensadores mais originais da Península Ibérica; Unamuno verá em Pascoaes um poeta com valor autêntico e um intelectual com capacidades para levar a bom porto a regeneração dos tecidos mentais português e humano (Dias, 1995, p. 18).

Não é despropositado enfatizar o caráter de “mestre” que o de Amarante confere ao de Salamanca, pois isso nos leva a refletir sobre o papel que o *quijotismo*, o iberismo e a “preocupação com Espanha”, tipicamente unamuniana na apreensão de Eduardo Lourenço (Lourenço 2016, p. 19), podem ter tido no amadurecimento das ideias da Renascença Portuguesa defendidas por Pascoaes. Como se sabe, Unamuno colaborou com “A Águia” – principal veículo de difusão das ideias do grupo de Teixeira de Pascoaes, Leonardo Coimbra e António Sérgio. A 8 de dezembro de 1910, o “poeta lusíada” escreve ao basco pedindo-lhe uma “collaboração para uma Revista litteraria e artistica que appareceu no Porto, com o nome de *Águia*” (Pascoaes, 1957, p. 10). Trata-se da primeira menção, entre a dupla, à “Águia”, mas o tema retornará em várias conversações de ambos até 1920.

Por hora, ainda nos resta discutir a recepção de *Vida de Don Quijote y Sancho* por Pascoaes, na carta que ora citamos. O tipo de crítica muito efusiva – marca particular do pensador amarantino – não economiza em elogios à obra e a seu autor, alçando ambos (criador e criatura) aos patamares estético e histórico em que figuram Cervantes, Tolstói e Cristo. De todo o encômio, destacamos dois comentários curtos: “D. Miguel



de Unamuno é o Cervantes moderno!” e “quero vê-lo, agora, com estes olhos que já viram D. Quichote resuscitado”. Esses excertos chamam a atenção por serem como que sínteses das personalidades artísticas e dos perfis intelectuais de Unamuno e de Pascoaes, respectivamente. Se Cervantes é o autor do Quixote publicado no XVII, Unamuno pode ser o Cervantes da modernidade ibérica (assumida pela *generación española del 98* e pela geração de 70 lusitana) por criar o Quixote ressuscitado e o ideal quixotesco imorredouro, profundamente inventivo e mítico, capaz de aproximar os povos peninsulares. Já o desejo de ver, o apelo à visão como sentido sensacionista primordial (aquele mesmo que estruturaria a poética de Alberto Caeiro), bem como a disposição artístico-vital para contemplar e acreditar no “D. Quichote resuscitado” exprimem com precisão quem é e o que significou o autor de *Marânus* na cultura portuguesa. A primeira missiva de autoria de Pascoaes no *Epistolário ibérico*, portanto, exhibe duas feições intelectuais aproximadas no que têm de criativas e modernas, ao mesmo tempo que saudosistas e trágicas – quatro predicções que passarão a ser cada vez mais raramente encontradas de modo simultâneo em escritores do século XX em diante, seja na literatura portuguesa, seja na hispânica.

Em alguma medida, as ideias e as obras do amarantino e do basco atrelam-se pela concepção peculiar de *liberdade* que as erige e que elas conseguem disseminar. Dois brasileiros nossos contemporâneos, pensadores da literatura e da cultura ibérica, Erivelto da Rocha Carvalho e Isaque de Carvalho, recorrem a Pascoaes (e ainda a Eudoro de Sousa) para delinear uma concepção de liberdade que é ontologicamente poética e lusíada:

[...] Portugal esfuma-se em suas determinações e torna-se sinônimo de *poesia*. Sentir a sua *poesia* é saber Portugal com os sentidos... e para além deles. Sonhar. Fundamento mais arcaico e pujante da vida (e por isto toda ela Espírito) e da própria compreensão da *Alma lusíada*, como sugere Pascoaes... Um aspecto essencial de que não pode prescindir quem sonha a liberdade. [...] Assim, a demanda individual da liberdade converte-se em demanda supra-individual. Assim é a poética de Teixeira de Pascoaes... uma *poesia* metafísica. [...] Pascoaes concebeu a *poesia* como febre, lume, delírio, vida, enfim, a mais plena liberdade. É neste sentido que o poeta surge como o homem incumbido de uma missão transcendente, ou seja, chamar Deus e

toda a sua dor (as criaturas) à redenção por virtude do seu canto etéreo (Carvalho; De Carvalho; 2016, p. 60, grifos dos autores).

Tal “missão transcendente” do poeta, que redime pelo canto, coaduna, inequivocamente, com a perspectiva ensaística de Pascoaes, anteriormente reportada por nós em citação d’*Os poetas lusíadas* (1919). Já a percepção da poética pascoaliana como “febre, lume, delírio, vida, enfim, a mais plena liberdade” alinha-se com a noção apresentada por Unamuno em ensaio dedicado ao livro *As sombras* (1907):

a filosofia poética de Teixeira de Pascoaes é uma filosofia sombrosa – sombria não. As realidades diluem-se e dissolvem-se em sombra nelas e as sombras [...] consolidam-se em realidades [...] a vida converte-se em sonho e o sonho em vida (Unamuno, 1986, p. 30).

O excerto antes destacado d’*Os ibéricos* (2016) evidencia ao menos quatro apreensões filosóficas e estéticas comuns aos dois escritores peninsulares por nós revisitados: a ideia de Portugal como “sinônimo de poesia”; a proposta de “saber Portugal com os sentidos”; a “demanda individual da liberdade” convertida em anseio coletivo; a poesia entendida como “a mais plena liberdade”. A leitura de mais alguns fragmentos de cartas trocadas pelos poetas desnudará melhor tais aspectos. Em missiva datada de 19 de dezembro de 1905, Unamuno dirá ao “bom amigo” português:

Sobre el quijotismo tengo que escribir y predicar aún. Hay una ética quijotesca. La grandeza del quijotismo estriba en dos cosas: en que su héroe, D. Quijote, es un ente de ficción, y en que es cómico, ridículo. Cristo tiene el inconveniente de que el probable existiera como hombre de carne e hueso, lo cual le expone a la exégesis histórica, y que fué trágico. Hay que saber vivir de la ficción, haciéndola realidad, y arrostrar el ridículo (Unamuno, 1957, p. 32).

Queremos destacar o ímpeto responsivo de Unamuno, que não se furta de contestar (amigavelmente, por certo) a analogia tecida pelo amarantino entre Quixote e Cristo na carta anterior. O pensador de Salamanca termina por evitar a comparação defendendo que o personagem de Jesus possui o “inconveniente” de ter provavelmente existido como “homem de carne e osso, o que o expõe à exegese histórica”. Para compreender o processo dialógico que envolve as cartas dos dois autores

e um personagem literário central de sua discussão (Quixote), algumas palavras de Mikhail Bakhtin podem nos ser de grande valia:

um crítico literário discute (polemiza) com o autor ou o herói e ao mesmo tempo explica-o como inteiramente determinado em termos causais (sociais, psicológicos, biológicos). [...] Quanto melhor o homem compreende a sua determinidade (a sua materialidade), tanto mais se aproxima da compreensão e da realização de sua verdadeira liberdade (Bakhtin, 2006, p. 374-375).

Respondendo a Pascoaes, Unamuno consegue assumir o papel que o filósofo russo entendeu ser o do crítico literário. Um ponto a se ressaltar é que, como a dupla ibérica, Bakhtin (ainda que do outro lado da Europa e algumas décadas mais tarde – o fragmento destacado é de 1970) entende que a relação com o literário (relação inerente ao ofício do crítico literário) pode levar o homem à “realização de sua verdadeira liberdade”. Considerando-se que o autor d’*As sombras* e o de *Vida de Dom Quixote e Sancho* correspondem-se trocando suas obras e comentários a respeito delas, seu epistolário, conseqüentemente, desponta como matéria crítica viva e responsiva à atualidade intelectual e artística das primeiras décadas do último século. Retomando a última missiva citada de Unamuno para relacioná-la com a proposição bakhtiniana, pode-se notar que o espanhol “discute (polemiza)”, em um único parágrafo, com o autor do personagem “tradicional” do Quixote (Cervantes) e com o autor (Pascoaes) da carta sobre *Vida de D. Quixote e Sancho*. Arrastado pela temática comum às obras de Cervantes e dele mesmo (Unamuno), discute/controverte ainda com o personagem Dom Quixote, qualificando-o por cômico e ridículo. Se Paulo Bezerra, importante tradutor e intérprete de Bakhtin (e de Dostoiévski) no Brasil está correto ao definir “a polifonia como método discursivo do universo aberto em formação” (Bezerra, 2010, p. VI), podemos identificar, na carta de Unamuno e sobretudo no universo epistolar de ambos, uma realidade sumamente polifônica, na medida em que os interlocutores apresentam e debatem um universo literário ibérico “aberto em formação”, erigido pelo diálogo entre personagens literários e figuras históricas ocupadas em buscar a “verdadeira liberdade” – a que se referia o teórico russo.

A responsividade entre Unamuno e Pascoaes excede o universo das cartas. Ao final da discussão empreendida na epístola de 1905, o basco defende: “há que saber viver da ficção, fazendo dela realidade”. Depois,

no já mencionado ensaio (redigido em 1908 e publicado posteriormente no livro *Por terras de Portugal y Espanha*, de 1911) que dedicou ao livro *As sombras*, Unamuno exalta, no artista de Amarante, precisamente essa capacidade:

Para Teixeira de Pascoaes a obra do homem tem mais realidade que o próprio homem. Jean Valjean sobrevive a Vitor Hugo e Ofélia a Shakespeare. Doutrina esta várias vezes exposta – eu mesmo a desenvolvi na minha *Vida de Don Quijote y Sancho* –, mas que aqui o poeta converte em substância poética (Unamuno, 1986, p. 30).

A concepção de que a obra “tem mais realidade que o próprio homem”, atribuída a Pascoaes pelo reitor Salamanca, é profundamente unamuniana. Tal premissa já fora expressa em *Vida de Dom Quixote e Sancho*, em 1905, mas terá importante desdobramento literário em prosa com a publicação de *Névoa* (novela/romance ou *nivola*, como a quis chamar o próprio autor) em 1914 (posteriormente ao texto crítico dedicado ao livro de Pascoaes, portanto). Empreendendo um salto até 1920, encontramos, em carta a Pascoaes com data de 19 de junho de 1920, Unamuno reafirmando a impressão de que a arte sobrevive ou sobrepõe-se a seus autores: “el arte es más largo que la vida. [...] No hay realidad más que en el querer. Querer ser o querer no ser. (Hay también: “no querer ser” y “no querer no ser”)” (Unamuno, 1957, p. 54-55). O mundo da arte desponta, assim, como espaço primordial da vontade e da liberdade. Pedro Cerezo Galán reforçará esse aspecto como inerente a toda a obra do intelectual basco: “esta exaltación de la libertad, y juntamente con ella de la originalidad creadora, llega en él a convertirse en una verdadera religión de la libertad, o lo que es lo mismo, de la palabra en libertad, como la fuerza genuina de transformación del mundo” (Galán, 1996, p. 357).

Entendemos que, no lado lusitano da Península, o programa da Renascença Portuguesa e o ideal saudosista pascoaliano operaram de maneira análoga ao quixotismo pregado por Unamuno em Espanha. Tal apreensão não é precisamente nossa, senão do próprio Pascoaes. Em pelo menos duas cartas, investe em tal analogia. Em 1908, promete a Unamuno em missiva:

Tenciono publicar brevemente em Portugal um artigo sobre o Ideal Iberico moderno, que na Hespanha é a ressurreição e transfiguração de Dom Quixote feita pela sua penna genial; em Portugal a synthese

de Jesus e Pan, como relevação do genuíno, mas nunca lembrado, sentimento religioso da raça lusitana (Pascoaes, 1957, p. 6).

Mais de cinco anos após, em carta de 28 de abril de 1914, confessa ao amigo, seu interlocutor: “A Renascença P. atirou-me para a vida activa, eis-me a pregar a Saudade por várias terras do Paiz! E isto também é interessante, porque é quixotesco” (Pascoaes, 1957, p. 20). Erivelto Carvalho e Isaque de Carvalho oferecem definição enxuta, mas precisa sobre o saudosismo: “o que Pascoaes concebe como a essência da saudade... viver a presença na ausência” (Carvalho; De Carvalho, 2016, p. 50). Assumindo a perenidade do saudosismo enquanto conceito axiológico da cultura portuguesa (inclusive atualizado, ao longo do século XX, em diferentes momentos seus, por nomes como Agostinho da Silva e Eduardo Lourenço), temos procurado evidenciar, no presente artigo, como *as sombras* do quixotismo ibérico e da Renascença Portuguesa são ausências presentes no modernismo português. A correspondência entre Pascoaes-Unamuno habita o tempo e o espaço que produziram os de “Orpheu” e, posteriormente, a geração da *Presença*. Esta última, aliás, albergará um escritor telúrico bastante sintomático das *presenças* antecedentes de Unamuno e Pascoaes no universo artístico ibérico – Miguel Torga.

Retomar a interlocução da dupla (de duplos?) auxilia-nos, assim, a observar, já um século depois, em que medida Unamuno e Pascoaes teceram um epistolário *sombroso* – não sombrio. Conjunto de cartas *sombroso* – para reavivar o termo unamuniano (Unamuno, 1986, p. 30) – porque testemunha realidades menos visíveis no contexto das vanguardas e dos modernismos futuristas. Realidades literárias e autognoses pátrias diluídas entre: o espírito modernizante de que se quis imbuir a Ibéria desde os anos 1870; a agitação modernista dos anos 1910-30 que em Portugal sempre converge para o radical fenômeno Fernando Pessoa; e o momento, em terras portuguesas, de “tradução poético-ideológica desse nacionalismo místico, tradução genial que representa a mais profunda e sublime metamorfose da nossa realidade vivida e concebida como irreal” (Lourenço, 2016, p. 35). A obra e a ação de Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes esfumaçam-se na *era modernista* porque, participando da metamorfose cultural a que se submetem os povos peninsulares quando da agonia trágica de seus impérios, propõem ficções para o futuro ancorados em ficções recolhidas no passado. Figuras eclipsadas, inclusive por vontade própria, dos modernismos de seus países, a dupla que forjou as noções de quixotismo e saudosismo não merece ser alijada do grupo que,

no alvorecer do último século, pensou e atuou em prol da modernização de suas culturas e do alcance, por elas, da liberdade. Pascoas libertou a saudade da esfera subjetiva da condição humana e inseriu-a na *psicanálise mítica* de todo o povo português (Lourenço, 2016). Unamuno libertou Dom Quixote do sepulcro (Unamuno, 2014) onde os cervantistas de seu tempo e de gerações passadas tinham lançado o personagem. Restamos, agora, libertar os dois poetas-pensadores das prisões de sua época. Estamos dialogando outra vez com Bakhtin, especificamente com artigo seu intitulado “Os estudos literários hoje”, que oferece contributo teórico importante à ideia de *atualização* como tarefa do crítico literário:

O próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.

Do que acabamos de afirmar não se segue, absolutamente, que se possa ignorar inteiramente a época contemporânea do escritor, que a sua obra não possa ter irradiações no passado e projeções no futuro. A atualidade mantém o seu significado imenso e em muitos sentidos decisivo. [...] uma obra de literatura se revela antes de tudo na unidade diferenciada da cultura da época de sua criação, mas não se pode fechá-la nessa época: sua plenitude só se revela no *grande tempo* (Bakhtin, 2006, p. 364, grifos do autor).

Em gesto saudosista, as celebrações dos diversos primeiros centenários modernistas (no Brasil, em Portugal...) levam-nos a pensar nas variadas correntes de pensamento, como nas múltiplas formas de expressão literária que vicejaram nos decênios iniciais do último século em território peninsular. A despeito da preponderância que os autores de “Orpheu” (especialmente os criados por Pessoa) exercem sobre a ideia de modernismo em Portugal, não nos parece inoportuno focalizar, no contexto da reflexão sobre o ideário modernista, escritores que assumem posição *sombrosa* em relação *ao que quis Orpheu*: “criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço” (Pessoa, 1966). Indiferente ao grupo de Pessoa e Sá-Carneiro, o já maduro Unamuno parece ter recebido, mas jamais comentado, o exemplar do primeiro volume de “Orpheu” que lhe enviou Pessoa, conforme registro em carta enviada por este a Salamanca:

Por este correio enviamos a V. Exa.o primeiro número da nossa revista Orpheu. Como depreenderá de uma, ainda que rápida, leitura, esta revista representa a conjugação dos esforços da nova geração portuguesa para a formação duma corrente literária definida, contando e transcendendo as correntes que teem prevalecido nos grandes meios cultos da Europa (Pessoa, 1998, p. 158-159).

Retomando as palavras de Bakhtin, “os estudos literários têm a incumbência” de ajudar os autores a serem libertados das prisões de suas épocas. O Portugal que Unamuno conheceu, leu e experimentou foi o de Pascoaes, o de Oliveira Martins e Antero de Quental, o de Camilo Castelo Branco e Guerra Junqueiro, o de António Nobre e Manuel Laranjeira. As cartas trocadas com o amarantino de 1905 a 1914 são registros materiais inequívocos disso. A “nova geração portuguesa” para Unamuno foi a da Revista *Águia*, que contou com textos tanto do basco, como do futuro poeta da *Mensagem* (1934). O Portugal da abertura do século XX, permeado ainda pelo *vencidismo* do final do XIX e pelo sentido da decadência da geração de 70, é o outro-mesmo (*el otro*, para fazer menção à peça dramática de Unamuno dos anos 1930) que faz germinar ali o saudosismo, o futurismo, o *paulismo*, o interseccionismo, o sensacionismo...

Certo espírito quixotesco que paira sobre a cultura ibérica contamina as letras portuguesas a ponto de fazê-las converter o Ultimatum britânico de 1890 em *Ultimatum* manifestação poética revolucionária já em 1917, por Álvaro de Campos, na Revista *Portugal Futurista*. Ora: Unamuno fez da busca pelo sepulcro do Quixote o sentido da alma ibérica na passagem forçosamente empreendida pela Espanha do colonialismo à modernidade nos últimos anos do século XIX; o próprio Quixote transformara moinhos de vento em gigantes e uma mulher campesina em Dulcinea encantada; Pascoaes fez do Tâmega manancial poético capaz de traduzir “o sentimento saudoso da Natureza animada e inanimada” (Pascoaes, 1978, p. 95). Respondendo, postumamente, à carta pessoana, o fantasma de Unamuno (um dos tantos a que ele mesmo deu forma literária) poderia argumentar que um conjunto de vozes peninsulares, antes de “Orpheu”, transcendeu as correntes que prevaleciam “nos grandes meios cultos da Europa” e fundou ficções que marcaram e modernizaram o tempo *por tierras de Portugal y de Espanha* dando-lhe a imagem que, cem anos depois, fazemos do breve século XX (Hobsbawm, 2008).

Em carta já do último ano de sua correspondência, 1934, Pascoaes assevera: “O calvario é ibérico” (Pascoaes, 1957, p. 26). A distância de quase um século da dupla que mereceu nossa atenção neste estudo, concedendo-nos a visão clara de que Unamuno e Pascoaes assumiram tal calvário e, indo buscar o sepulcro do Quixote e dos poetas lusíadas, somaram-se aos modernistas na consolidação de um mito que o século XX não conseguiu sepultar: aquele nada que é tudo a que chamamos *liberdade*.

## Dedicatória

Para Erivelto Carvalho, quixotista que me ensinou a buscar o sepulcro de Unamuno.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BEZERRA, Paulo. Prefácio. Uma obra a prova do tempo. In: BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. V-XXII.

CARVALHO, Erivelto; DE CARVALHO, Isaque. *Os ibéricos. História, liberdade e literatura: viagens pelo sublime*. São Paulo: Nankin, 2016.

DIAS, José Manuel Barros. Miguel de Unamuno e Teixeira de Pascoaes. Compromissos plenos para a educação dos povos peninsulares. 1995. 1138f. f. Dissertação. (Doutoramento em Filosofia da Educação pelo Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora). Universidade de Évora, 1995.

ENTRALGO, Pedro. Prólogo. In: GALÁN, Pedro Cerezo. *Las máscaras de lo trágico. Filosofía y tragedia en Miguel de Unamuno*. Madrid: Editorial Trotta, 1996, p. 11-16.

GALÁN, Pedro Cerezo. *Las máscaras de lo trágico. Filosofía y tragedia en Miguel de Unamuno*. Madrid: Editorial Trotta, 1996.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 2008



LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade. Psicanálise mítica do destino portugueses*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.

PASCOAES, Teixeira de. *A arte de ser português*. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1978.

PASCOAES, Teixeira de. *Epistolário ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*. Nova Lisboa: Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957.

PASCOAES, Teixeira de. *Os poetas lusíadas*. Porto: Tipografia Costa Carregal, 1919.

PESSOA, Fernando. *Correspondência 1905-1922*. Ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio&Alvim, 1998.

PESSOA, Fernando. O que quer Orpheu? In: PESSOA, F. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática, 1966. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1836>. Acesso em: 16 jan 2023.

POZA, José Alberto Miranda. O Modernismo nas letras hispânicas: Rubén Dario, Manuel Machado, Antonio Machado. *Interfaces*, Espírito Santo, n. 23, 179-221, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8250>. Acesso em: 20 jan 2023.

QUADROS, António. *O primeiro modernismo português. Vanguarda e tradição*. Sintra: Europa-América, 1989.

UNAMUNO, Miguel de. As Sombras, de Teixeira de Pascoaes. In: UNAMUNO M. *Portugal povo de suicidas*. Trad. Rui Caeiro. Lisboa: Publicações Culturais Engrenagem, 1986, p. 27-36.

UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento/Sociedad Anónima Editorial, 1913.

UNAMUNO, Miguel de. *Epistolário ibérico. Cartas de Pascoaes e Unamuno*. Nova Lisboa: Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957.

UNAMUNO, Miguel de. *Por tierras de Portugal y de España*. Madrid: Editorial Biblioteca Renacimiento, 1911.

Data de submissão: 30/04/2023.

Data de aprovação: 25/08/2023.